



PRIMEIRA LINHA

Setor elétrico: um choque de mais de R\$ 61 bilhões

16/12/2014 - 19:41:54



Roberto Pereira D'Araújo, diretor do Instituto de Desenvolvimento do Setor Energético (Ilumina), em artigo publicado no *Jornal dos Economistas do Rio*, estima a perda em energia elétrica em R\$ 61 bilhões. Em termos oficiais, o Banco Central já anunciou que, para 2015, com inflação em torno de 6%, as tarifas de energia deverão subir em torno de 17%. Para Cláudio Salles, do Acende Brasil, a alta poderá chegar a inacreditáveis 25%. D'Araújo concentra suas críticas na MP 579, que virou a Lei 12.783. MPs têm maior poder de destruição, pois como vigoram de imediato, e o governo tem base aliada de quase 80% do Congresso, dificilmente são vetadas. Lembra o dirigente que, antes das eleições, o Tribunal de Contas da União considerou o setor elétrico em situação quase falimentar. “O estrago, de R\$ 61 bilhões, daria para construir três usinas de Belo Monte”, apontou. D'Araújo afirma que a indignação com a crise elétrica deveria ser igual ou maior do que a evidenciada com o caso Petrobras. O estrago pode chegar a R\$ 100 bilhões, pois não se computou ainda a perda de valor da Eletrobras e das empresas privadas do setor.

O relatório do TCU considerou a MP de 2012 de “precipitada”, “repleta de equívocos e fragilidades” e “responsável pela criação de passivos públicos”. Diz D'Araújo: “A forma fácil de reduzir preços foi prorrogar as concessões e fixar tarifas quase gratuitas por usinas, conceito inexistente no planeta, pois quem tem tarifa é empresa concessionária. A Eletrobras não conseguiu escapar do arrocho e hoje está sem recursos.” Lembra que as distribuidoras ficaram descontratadas e expostas ao instável mercado livre brasileiro. Afirma que as usinas atingidas pela lei não são mais ativos das empresas, porém figuram nos balanços como “administração especial”, outra invenção. Garante que o mwh chega à casa do contribuinte por R\$ 200, e as usinas da Eletrobras recebem apenas R\$ 7,67/mwh. “Alguém conhece outro exemplo de um produto homogêneo, o mwh, onde uns cobram R\$ 7 e outros R\$ 822? Pois no Brasil é assim”.

Acentua: “O modelo é tão absurdo, que, mesmo com mágicas, as distribuidoras não têm como bancar a despesa. Solução? Enquanto Alemanha e Espanha subsidiam energia solar e eólica, aqui temos subsídios do Tesouro para geração termelétrica a óleo e diesel. Como o subsídio não foi suficiente, outra criatividade foram os empréstimos bancários impostos aos consumidores, que, pela primeira vez na história, terão que pagar juros sobre os kwh consumidos”. E conclui D'Araújo: “O que é perigoso é que essa falta de reação mostra uma sociedade doentamente complacente que, por isso mesmo, talvez mereça pagar um dos kwh mais caros do mundo”.

Mais dois

O que se comenta no mercado é que a apuração de malfeitos vai se dirigir a dois novos alvos: BNDES e setor elétrico.

Langoni pessimista

O ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, não está otimista. Em relatório de sua empresa Projeta, afirma que a guinada para política econômica ortodoxa se dará em momento ruim, de recessão industrial. “A desaceleração é generalizada e atinge tanto bens de capital como consumo”. Estima que os juros básicos estacionem entre 12,5% e 13% ao ano. Diz que a política de subsídio ao crédito será compensada por abertura comercial e melhor percepção do risco Brasil, mas que isso levará algum tempo. A curto prazo, a política de controle da inflação provocará protestos. Segundo Langoni, a presidente terá de dar apoio a Levy, ficando subentendido que receberá duras críticas e que haverá forte tensão política. Após algum êxito contra a inflação, se verá “decolagem gradual do PIB”.

Banco dos Brics

Os otimistas acham que foi adiado o projeto de criação de um banco dos Brics, formado pela opulenta China com os menos ricos Rússia, Índia, África do Sul e Brasil. Os pessimistas dizem que o projeto naufragou como o Titanic.

Desde o início, os especialistas garantem que a necessidade de capital é o ponto básico, mas a estruturação de equipes técnicas é tarefa complicada que, para ser bem feita, leva muitos anos. As crises de Rússia e Brasil abalaram um projeto que, desde o início, era mais político-estratégico do que financeiro.

Pé de guerra

A Federação Nacional dos Engenheiros (FNE), o Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo (Seesp) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores Liberais Universitários Regulamentados (CNTU) se mobilizam contra a Resolução 581/2013 da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Entre outros temas, a norma trata da prestação de atividades acessórias pelas distribuidoras, o que significa a autorização às concessionárias para que façam trabalhos de engenharia.

“Na prática, isso representa concorrência desleal, com a criação de um monopólio dos serviços o que prejudicará, sensivelmente, o mercado de trabalho dos engenheiros”, diz nota das entidades.

Sem investimento

Dirigentes da Associação Brasileira dos Terminais Portuários estiveram em Brasília um encontro com o presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Augusto Nardes. Os empresários disseram, em bom português, que, após a Lei dos Portos, o mercado ficou travado, por erros do texto legal e também por exigências do TCU. Há R\$ 40 bilhões em investimentos prontos para serem deflagrados, após a superação da burocracia do poder executivo e do próprio TCU. Recentemente, o titular da Secretaria Especial de Portos (SEP), César Borges, reclamou da demora do TCU na avaliação de casos portuários.

Esperança

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) considera urgente a ratificação do Acordo sobre Facilitação de Comércio, no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC). Poderia expandir o comércio internacional, reduzir o custo das exportações brasileiras e elevar o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

O chamado Pacote de Bali está pronto para ser aprovado pelos parlamentos dos 159 países-membros da Organização Mundial do Comércio. Com ou sem esse pacote, os exportadores comemoram a desvalorização do real, que, bem ou mal, ajuda a exportar.

Rápidas

Boa notícia, ou boa perspectiva, é saber que a Cedae pretende concluir, em 2016, a meta de 100% de coleta de esgoto na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. No condomínio Interlagos de Itaúna, por exemplo, ainda vigora o antiquado sistema de fossa, o mesmo ocorrendo em diversos condomínios tidos como de luxo *** O Aeroporto Internacional de Cabo Frio (AICF), por sua importância para a economia do Estado do Rio, foi escolhido para receber o Prêmio Rio+Empreendedor. A iniciativa, do Lide Rio e da Rio Negócios, reconhece empreendimentos que contribuem para a expansão do ambiente de negócios e a geração de renda no estado do Rio *** O BNDES realizará nesta quarta-feira o seminário Novas Tecnologias para o Setor Sucroenergético, no Rio *** Em plena crise, quem desembarca no Rio é a Air Canadá. Terá três vôos semanais. A empresa já voava para São Paulo *** Começa nesta quarta-feira, em Paraná, na Argentina, a 18ª Cúpula do Mercosul, com o grupo em plena crise, sem muitos planos para o futuro e com problemas presentes para muitos países-membros *** A terça-feira foi de dólar novamente em alta e com bolsa praticamente estável (com leve queda).

A Roberto Pereira D'Araújo, diretor do Instituto de Desenvolvimento do Setor Energético (Ilumina), em artigo publicado no Jornal dos Economistas do Rio, estima a perda em energia elétrica em R\$ 61 bilhões. Em termos oficiais, o Banco Central já anunciou que, para 2015, com inflação em torno de 6%, as tarifas de energia deverão subir em torno de 17%. Para **Claudio Sales**, do **Acende Brasil**, a alta poderá chegar a inacreditáveis 25%. D'Araújo concentra suas críticas na MP 579, que virou a Lei 12.783. MPs têm maior poder de destruição, pois como vigoram de imediato, e o governo tem base aliada de quase 80% do Congresso, dificilmente são vetadas. Lembra o dirigente que, antes das eleições, o Tribunal de Contas da União considerou o setor elétrico em situação quase falimentar. "O estrago, de R\$ 61 bilhões, daria para construir três usinas de Belo Monte", apontou. D'Araújo afirma que a indignação com a crise elétrica deveria ser igual ou maior do que a evidenciada com o caso Petrobras. O estrago pode chegar a R\$ 100 bilhões, pois não se computou ainda a perda de valor da Eletrobras e das empresas privadas do setor.

O relatório do TCU considerou a MP de 2012 de "precipitada", "repleta de equívocos e fragilidades" e "responsável pela criação de passivos públicos". Diz D'Araújo: "A forma fácil de reduzir preços foi prorrogar as concessões e fixar tarifas quase gratuitas por usinas, conceito inexistente no planeta, pois quem tem tarifa é empresa concessionária. A Eletrobras não conseguiu escapar do arrocho e hoje está

sem recursos.” Lembra que as distribuidoras ficaram descontratadas e expostas ao instável mercado livre brasileiro. Afirma que as usinas atingidas pela lei não são mais ativos das empresas, porém figuram nos balanços como “administração especial”, outra invenção. Garante que o mwh chega à casa do contribuinte por R\$ 200, e as usinas da Eletrobrás recebem apenas R\$ 7,67/mwh. “Alguém conhece outro exemplo de um produto homogêneo, o mwh, onde uns cobram R\$ 7 e outros R\$ 822? Pois no Brasil é assim”.

Acentua: “O modelo é tão absurdo, que, mesmo com mágicas, as distribuidoras não têm como bancar a despesa. Solução? Enquanto Alemanha e Espanha subsidiam energia solar e eólica, aqui temos subsídios do Tesouro para geração termelétrica a óleo e diesel. Como o subsídio não foi suficiente, outra criatividade foram os empréstimos bancários impostos aos consumidores, que, pela primeira vez na história, terão que pagar juros sobre os kwh consumidos”. E conclui D’Araújo: “O que é perigoso é que essa falta de reação mostra uma sociedade doentamente complacente que, por isso mesmo, talvez mereça pagar um dos kwh mais caros do mundo”.

Mais dois

O que se comenta no mercado é que a apuração de malfeitos vai se dirigir a dois novos alvos: BNDES e setor elétrico.

Langoni pessimista

O ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, não está otimista. Em relatório de sua empresa Projeta, afirma que a guinada para política econômica ortodoxa se dará em momento ruim, de recessão industrial. “A desaceleração é generalizada e atinge tanto bens de capital como consumo”. Estima que os juros básicos estacionem entre 12,5% e 13% ao ano. Diz que a política de subsídio ao crédito será compensada por abertura comercial e melhor percepção do risco Brasil, mas que isso levará algum tempo. A curto prazo, a política de controle da inflação provocará protestos. Segundo Langoni, a presidente terá de dar apoio a Levy, ficando subentendido que receberá duras críticas e que haverá forte tensão política. Após algum êxito contra a inflação, se verá “decolagem gradual do PIB”.

Banco dos Brics

Os otimistas acham que foi adiado o projeto de criação de um banco dos Brics, formado pela opulenta China com os menos ricos Rússia, Índia, África do Sul e Brasil. Os pessimistas dizem que o projeto naufragou como o Titanic.

Desde o início, os especialistas garantem que a necessidade de capital é o ponto básico, mas a estruturação de equipes técnicas é tarefa complicada que, para ser bem feita, leva muitos anos. As crises de Rússia e Brasil abalaram um projeto que, desde o início, era mais político-estratégico do que financeiro.

Pé de guerra

A Federação Nacional dos Engenheiros (FNE), o Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo (Seesp) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores Liberais Universitários Regulamentados (CNTU) se mobilizam contra a Resolução 581/2013 da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Entre outros temas, a norma trata da prestação de atividades acessórias pelas distribuidoras, o que significa a autorização às concessionárias para que façam trabalhos de engenharia.

“Na prática, isso representa concorrência desleal, com a criação de um monopólio dos serviços o que prejudicará, sensivelmente, o mercado de trabalho dos engenheiros”, diz nota das entidades.

Sem investimento

Dirigentes da Associação Brasileira dos Terminais Portuários estiveram em Brasília um encontro com o presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Augusto Nardes. Os empresários disseram, em bom português, que, após a Lei dos Portos, o mercado ficou travado, por erros do texto legal e também por exigências do TCU. Há R\$ 40 bilhões em investimentos prontos para serem deflagrados, após a superação da burocracia do poder executivo e do próprio TCU. Recentemente, o titular da Secretaria Especial de Portos (SEP), César Borges, reclamou da demora do TCU na avaliação de casos portuários.

Esperança

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) considera urgente a ratificação do Acordo sobre Facilitação de Comércio, no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC). Poderia expandir o comércio internacional, reduzir o custo das exportações brasileiras e elevar o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. O chamado Pacote de Bali está pronto para ser aprovado pelos parlamentos dos 159 países-membros da Organização Mundial do Comércio. Com ou sem esse pacote, os exportadores comemoram a desvalorização do real, que, bem ou mal, ajuda a exportar.

Rápidas

Boa notícia, ou boa perspectiva, é saber que a Cedae pretende concluir, em 2016, a meta de 100% de coleta de esgoto na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. No condomínio Interlagos de Itaúna, por exemplo, ainda vigora o antiquado sistema de fossa, o mesmo ocorrendo em diversos condomínios tidos como de luxo *** O Aeroporto Internacional de Cabo Frio (AICF), por sua importância para a economia do Estado do Rio, foi escolhido para receber o Prêmio Rio+Empreendedor. A iniciativa, do Lide Rio e da Rio Negócios, reconhece empreendimentos que contribuem para a expansão do ambiente de negócios e a geração de renda no estado do Rio *** O BNDES realizará nesta quarta-feira o seminário Novas Tecnologias para o Setor Sucreenergético, no Rio *** Em plena crise, quem desembarca no Rio é a Air Canadá. Terá três vôos semanais. A empresa já voava para São Paulo *** Começa nesta quarta-feira, em Paraná, na Argentina, a 18ª Cúpula do Mercosul, com o grupo em plena crise, sem muitos planos para o futuro e com problemas presentes para muitos países-membros *** A terça-feira foi de dólar novamente em alta e com bolsa praticamente estável (com leve queda).